

DOMINGO XXIX DO TEMPO COMUM

CIC 2574-2577: Moisés e a oração de intercessão

- 2574** Quando começa a realizar-se a promessa (a Páscoa, o Êxodo, o dom da Lei e a conclusão da Aliança), a oração de Moisés é a tocante figura da oração de intercessão, que terá a sua realização no «Mediador único entre Deus e os homens, Cristo Jesus» (1 Tm 2, 5).
- 2575** Também aqui, a iniciativa é de Deus. Ele chama Moisés do meio da sarça ardente¹. Este acontecimento ficará como uma das figuras primordiais da oração na tradição espiritual judaica e cristã. Com efeito, se «o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob» chama o seu servo Moisés, é porque Ele é o Deus vivo, que quer a vida dos homens. Revela-Se para os salvar, mas não sozinho nem apesar deles: chama Moisés para o enviar, para o associar à sua compaixão, à sua obra de salvação. Há como que uma imploração divina nesta missão e Moisés, após um longo debate, conformará a sua vontade com a de Deus salvador. Mas neste diálogo em que Deus Se confia, Moisés também aprende a orar: esquiva-se, objecta e, sobretudo, interroga. E é em resposta à sua pergunta que o Senhor lhe confia o seu Nome inefável, o qual se revelará nas suas magníficas proezas.
- 2576** «O Senhor falava com Moisés frente a frente, como um homem fala com o seu amigo» (Ex 33, 11). A oração de Moisés é o tipo da contemplação, graças à qual o servo de Deus se mantém fiel à sua missão. Moisés «conversa» muitas vezes e demoradamente com o Senhor, subindo à montanha para O ouvir e O implorar, descendo depois até junto do povo para lhe repetir as palavras do seu Deus e o guiar. «Eu estabeleci-o sobre toda a minha casa! Falo com ele frente a frente, à vista e não por enigmas» (Nm 12, 7-8), porque «Moisés era um homem deveras humilde, mais que todos os homens que há sobre a face da terra (Nm 12, 3).
- 2577** Nesta intimidade com o Deus fiel, lento em irar-Se e cheio de amor², Moisés hauriu a força e a tenacidade da sua intercessão. Ele não ora por si, mas pelo povo que Deus adquiriu para Si. Já durante o combate com os amalecitas³ ou para obter a cura de Miriam⁴, Moisés foi intercessor. Mas foi sobretudo após a apostasia do povo que ele «se mantém na brecha» diante de Deus (Sl 106, 23), para salvar o mesmo povo⁵. Os argumentos da sua oração (a intercessão também é um combate misterioso) irão inspirar a audácia dos grandes orantes, tanto do povo judaico como da Igreja: Deus é amor e, portanto, é justo e fiel; Ele não pode contradizer-Se; há-de, por conseguinte, lembrar-Se das suas acções

¹ Cf. Ex 3, 1-10.

² Cf. Ex 34, 6.

³ Cf. Ex 17, 8-13.

⁴ Cf. Nm 12, 13-14.

⁵ Cf. Ex 32, 1 – 34, 9.

maravilhosas; está em jogo a sua glória; Ele não pode abandonar o povo que tem o seu nome.

CIC 2629-2633: a oração de súplica

2629 O vocabulário da oração de súplica é rico de matizes no Novo Testamento: pedir, reclamar, chamar com insistência, invocar, bradar, gritar e, até, «lutar na oração»⁶. Mas a sua forma mais habitual, porque mais espontânea, é a petição. É pela oração de petição que traduzimos a consciência da nossa relação com Deus: enquanto criaturas, não somos a nossa origem, nem donos das adversidades, nem somos o nosso fim último; mas também, sendo pecadores, sabemos, como cristãos, que nos afastamos do nosso Pai. A petição é já um regresso a Ele.

2630 O Novo Testamento quase não contém orações de lamentação, frequentes no Antigo. Doravante, em Cristo Ressuscitado, a petição da Igreja é sustentada pela esperança, embora ainda estejamos à espera e tenhamos de nos converter em cada dia. É de outra profundidade que brota a petição cristã, aquela a que São Paulo chama *gemido*: o da criação em «dores de parto» (*Rm* 8, 22) e também o nosso «aguardando a libertação do nosso corpo», porque «foi na esperança que fomos salvos» (*Rm* 8, 23-24); e, por fim, os «gemidos inefáveis» do próprio Espírito Santo, que «vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser» (*Rm* 8, 26).

2631 O *pedido de perdão* é o primeiro movimento da oração de petição (cf. o publicano: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador» (*Lc* 18, 13)). É o preliminar duma oração justa e pura. A humildade confiante repõe-nos na luz da comunhão com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo, bem como dos homens uns com os outros⁷. Nestas condições, «seja o que for que Lhe peçamos, recebê-lo-emos» (*1 Jo* 3, 22). O pedido de perdão é o preâmbulo da liturgia Eucarística, bem como da oração pessoal.

2632 A petição cristã está centrada no desejo e na *busca do Reino* que há-de vir, em conformidade com o ensinamento de Jesus⁸. Há uma hierarquia nas petições: primeiro, o Reino; depois, tudo quanto é necessário para o acolher e para cooperar com a sua vinda. Esta cooperação com a missão de Cristo e do Espírito Santo, que agora é a da Igreja, é o objecto da oração da comunidade apostólica⁹. É a oração de Paulo, o apóstolo por excelência, que nos revela como a solicitude divina por todas as Igrejas deve animar a oração cristã¹⁰. Pela oração, todo o cristão trabalha pela vinda do Reino.

2633 Quando se participa assim no amor salvífico de Deus, compreende-se que *qualquer necessidade* pode tornar-se objecto de pedido. Cristo, que tudo assumiu a fim de tudo resgatar, é glorificado pelos pedidos que dirigimos ao Pai

⁶ Cf. *Rm* 15, 30; *Cl* 4, 12.

⁷ Cf. *1 Jo* 1, 7 – 2, 2.

⁸ Cf. *Mt* 6, 10.33; *Lc* 11, 2.13.

⁹ Cf. *Act* 6, 6; 13, 3.

¹⁰ Cf. *Rm* 10, 1; *Ef* 1, 16-23; *Fl* 1, 9-11; *Cl* 1, 3-6; 4, 3-4.12.

em seu nome¹¹. É com esta certeza que Tiago¹² e Paulo nos exortam a orar *em todas as ocasiões*¹³.

CIC 2653-2654: a Palavra de Deus, fonte de oração

2653 A Igreja «exorta com ardor e insistência todos os fiéis [...] a que aprendam “a sublime ciência de Jesus Cristo” pela leitura frequente das divinas Escrituras [...]. Lembrem-se, porém, de que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração, para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem, porque “a Ele falamos, quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos”»¹⁴.

2654 Os Padres espirituais, parafraseando *Mt 7, 7*, resumem assim as disposições do coração, alimentado pela Palavra de Deus na oração: «Procurai na leitura e achareis na meditação; batei à porta na oração e ela abrir-se-vos-á na contemplação»¹⁵.

CIC 2816-2821: “Venha a nós o vosso Reino”

2816 No Novo Testamento, a mesma palavra «*basileia*» pode traduzir-se por realza (nome abstracto), reino (nome concreto) ou reinado (nome de acção). O Reino de Deus está diante de nós. Aproximou-se no Verbo encarnado, foi anunciado através de todo o Evangelho, veio na morte e ressurreição de Cristo. O Reino de Deus vem desde a santa ceia e, na Eucaristia, está no meio de nós. O Reino virá na glória, quando Cristo o entregar a seu Pai:

«É mesmo possível [...] que o Reino de Deus signifique o próprio Cristo, a Quem todos os dias desejamos que venha e cuja Vinda queremos que aconteça depressa. Do mesmo modo que Ele é a nossa ressurreição, pois n’Ele ressuscitamos, assim também pode ser Ele próprio o Reino de Deus, porque n’Ele reinaremos»¹⁶.

2817 Esta petição é o «Marana Tha», o clamor do Espírito e da esposa: «Vem, Senhor Jesus!»:

«Mesmo que esta oração não nos tivesse imposto o dever de pedir a vinda deste Reino, teríamos espontaneamente soltado este grito, com pressa de irmos abraçar o objecto das nossas esperanças. As almas dos mártires, sob o altar de Deus, invocam o Senhor com grandes gritos: “Até quando, Senhor, até quando tardarás em pedir contas do nosso sangue aos habitantes da terra?” (*Ap 6, 10*). Eles devem, com efeito, alcançar justiça, no fim dos tempos. Apressa, portanto, Senhor, a vinda do Teu Reino!»¹⁷.

¹¹ Cf. Jo 14, 13.

¹² Cf. Tg 1, 5-8.

¹³ Cf. Ef 5, 20; Fl 4, 6-7; Cl 3, 16-17; 1 Ts 5, 17-18.

¹⁴ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Dei Verbum, 25: AAS 58 (1966) 829; cf. Santo Ambrósio, De officiis ministrorum, 1, 88: ed. N. Testard (Paris 1984) p. 138 (PL 16, 50).

¹⁵ Guigo, o Cartuxo, Scala claustralium, 2, 2: PL 184, 476. Entretanto, estas palavras não foram retidas no texto da edição crítica SC 163, 84; veja-se aí o aparato crítico.

¹⁶ São Cipriano de Cartago, De dominica oratione, 13: CCL 3A, 97 (PL 4, 545).

¹⁷ Tertuliano, De oratione, 5, 2-4: CCL 1, 260 (PL 1, 1261-1262).

2818 Na oração do Senhor, trata-se principalmente da vinda final do Reino de Deus pelo regresso de Cristo¹⁸. Mas este desejo não distrai a Igreja da sua missão neste mundo, antes a empenha nela. Porque, desde o Pentecostes, a vinda do Reino é obra do Espírito do Senhor, «para continuar a sua obra no mundo e consumir toda a santificação»¹⁹.

2819 «O Reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (*Rm* 14, 17). Os últimos tempos em que nos encontramos são os da efusão do Espírito Santo. Trava-se desde então um combate decisivo entre «a carne» e o Espírito²⁰:

«Só um coração puro pode dizer com confiança: “Venha a nós o vosso Reino”. É preciso ter passado pela escola de Paulo para dizer: “Que o pecado deixe de reinar no vosso corpo mortal” (*Rm* 6, 12). Quem se conserva puro nos seus actos, pensamentos e palavras é que pode dizer a Deus: “Venha a nós o vosso Reino!”»²¹.

2820 Discernindo segundo o Espírito, os cristãos devem distinguir entre o crescimento do Reino de Deus e o progresso da cultura e da sociedade em que estão inseridos. Esta distinção não é uma separação. A vocação do homem para a vida eterna não suprime, antes reforça, o seu dever de aplicar as energias e os meios recebidos do Criador no serviço da justiça e da paz neste mundo²².

2821 Esta petição é feita e atendida na oração de Jesus²³, presente e eficaz na Eucaristia; ela produz o seu fruto na vida nova segundo as bem-aventuranças²⁴.

CIC 875: a necessidade da pregação

875 «Como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar, sem que alguém o anuncie? E como hão-de anunciar, se não forem enviados?» (*Rm* 10, 14-15). Ninguém, nenhum indivíduo ou comunidade, pode anunciar a si mesmo o Evangelho. «A fé surge da pregação» (*Rm* 10, 17). Por outro lado, ninguém pode dar a si próprio o mandato e a missão de anunciar o Evangelho. O enviado do Senhor fala e actua, não por autoridade própria, mas em virtude da autoridade de Cristo; não como membro da comunidade, mas falando à comunidade em nome de Cristo. Ninguém pode conferir a si mesmo a graça; ela deve ser-lhe dada e oferecida. Isto supõe ministros da graça, autorizados e habilitados em nome de Cristo. É d’Ele que os bispos e presbíteros recebem a missão e a faculdade (o «poder sagrado») de agir *na pessoa de Cristo Cabeça* e os diáconos a força de servir o povo de Deus na «diaconia» da Liturgia, da Palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e com o seu presbitério. A este ministério, no qual os enviados de Cristo fazem e dão, por graça de Deus, o que por si mesmos não podem fazer nem dar, a tradição da Igreja chama «sacramento». O ministério da Igreja é conferido por um sacramento próprio.

¹⁸ Cf. Tt 2, 13.

¹⁹ Cf. Oração Eucarística IV, 118: Missale Romanum, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 468 [Missal Romano, Gráfica de Coimbra 1992, p. 539].

²⁰ Cf. Gl 5, 16-25.

²¹ São Cirilo de Jerusalém, Catecheses mystagogicae, 5, 13: SC 126, 162 (PG 33, 1120).

²² Cf. II Concílio do Vaticano, Const. past. Gaudium et spes, 22: AAS 58 (1966) 1042-1044; Ibid., 32: AAS 58 (1966) 1057; Ibid., 45: AAS 58 (1966) 1065-1066; Paulo VI, Ex. ap. Evangelii nuntiandi, 31: AAS 68 (1976) 26-27.

²³ Cf. Jo 17, 17-20.

²⁴ Cf. Mt 5, 13-16; 6, 24; 7, 12-13.